

Reflexões sobre a medicina romana^{*1,*2}

Reflections on Roman Medicine

Philippe Mudry^{*3}

Resumo: O artigo busca responder à questão sobre os traços que caracterizariam o que uma historiografia especializada usualmente denomina de “medicina romana”. A partir de excertos da obra *De Medicina* (Sobre a medicina), único texto sobrevivente do enciclopedista latino Aulo Cornélio Celso (século I d.C.), são evocados alguns autores médicos gregos que antecedem Celso para apresentar as semelhanças e particularidades dos autores latinos que trataram da medicina. Conclui-se que, se houve uma medicina legitimamente “romana”, ela deve ser considerada como fruto do mundo rural latino, com suas receitas e terapias tradicionais, não se igualando aos avanços obtidos pela medicina grega, mas que não se eximiu, todavia, de uma rica reflexão acerca da arte médica e do papel do médico.

Abstract: This article tries to answer the question about the traits that characterize what a specialized historiography usually calls “Roman medicine”. Taking into account excerpts of the *De Medicina* (On Medicine), the only surviving text of the Latin encyclopaedist Aulus Cornelius Celsus (first century AD.), it is analyzed some Greek medical writers prior to Celsus in order to present the similarities and peculiarities of the Latin authors who wrote about medicine. The conclusion is that if there was a true “Roman medicine”, it should be considered as a product of the Latin countryside, with its recipes and traditional therapies. Such medicine, although not equaling the progress made by Greek medicine, did not, however, restrained itself from presenting a rich reflection on the practice of medicine and the role of physicians.

Palavras-chave:

Roma;
Medicina;
Celso;
De Medicina.

Keywords:

Rome;
Medicine;
Celsus;
De Medicina.

Recebido em: 14/09/2016
Aprovado em: 28/10/2016

^{*1} Conferência Marcus Guggenheim-Schnurr, proferida em 13 de outubro de 1989, em Friburgo. Publicado originalmente em *Gesnerus* 47 (1990), p. 133-148. Algumas notas e informações foram posteriormente adicionadas para a publicação em *Medicina, soror philosophiae*. Regards sur la littérature et les textes médicaux antiques (1975-2005). Réunis et édités par Brigitte Maire. Lausanne: Éditions BHMS, 2006 [Nota do tradutor].

^{*2} Tradução de Thiago Paschoal Perpétuo. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, com auxílio financeiro da Fapemig. A revisão da tradução deste artigo foi realizada pelo Prof. Dr. Fábio Duarte Joly, ao quem agradeço a gentileza.

^{*3} Philippe Mudry é professor de Latim no Institut d'Archéologie et des Sciences de l'Antiquité, Université de Lausanne, Suíça [N. T.].

A despeito de uma abundante literatura, livros e artigos, que se refere, sob o nome de medicina romana, a uma realidade histórica julgada como evidente, desejaríamos propor aqui uma questão incongruente à primeira vista: pode-se falar propriamente de uma medicina romana?

Tal questão, entretanto, não parece impertinente ou paradoxal se compreendermos, como tem sido o caso, a “medicina romana” como um sinônimo de “a medicina em Roma”. Poder-se-ia duvidar, com efeito, que existiu em Roma uma medicina e médicos? Numerosos testemunhos – literários, arqueológicos e epigráficos – nos informam acerca da prática médica em Roma, seus principais representantes e seus aspectos materiais mais marcantes. Soma-se a isso uma literatura médica escrita em latim, da qual certas obras contam entre os maiores textos da medicina antiga, como o tratado *Sobre a Medicina*, de Celso, ou o tratado das *Doenças Agudas e Doenças Crônicas*, de Célio Aureliano. Mas – e essa é a questão que colocamos – podemos, de maneira legítima, designar essa realidade histórica sob o nome de medicina romana?

Parece-nos difícil, de fato, compreender a medicina romana de uma forma diferente daquela com que se compreende a medicina grega ou como se compreenderia, por exemplo, a medicina egípcia ou chinesa. Deveras, quando se fala de medicina grega, referimo-nos a uma prática médica em relação a uma área geográfica determinada, ou seja, a medicina nascida e exercida nas cidades e regiões gregas, Grécia continental, Grécia asiática e Magna Grécia. Mas compreende-se também e, sobretudo, uma reflexão científica original, elaborada pelo gênio grego desde os primeiros filósofos-médicos, Alcmeão e Empédocles, nos séculos VI e V a.C., até Galeno, no século II d.C., passando por Hipócrates e pelos médicos alexandrinos. Uma medicina que, desde suas origens, teve por fundamento uma reflexão racional e laica sobre a natureza do homem, sua saúde e seus desarranjos, e que banuiu de seus horizontes os encantamentos e as receitas mágicas, tal como os receios antigos que faziam da doença a manifestação de uma maldição divina. Uma medicina que, ao curso de sua história secular e em relação estreita, tanto de dependência quanto de reação, com os diferentes movimentos filosóficos que marcaram a especulação grega, concebeu sistemas fisiológicos e patológicos concorrentes, embora sempre coerentes, adquiridos e impulsionados por notáveis conhecimentos anatômicos, inventados e desenvolvidos a partir de técnicas terapêuticas fundadas sobre a determinação de três domínios elementares na ação médica: dietética, farmacêutica e cirurgia. Uma atividade científica intensa, ao mesmo tempo especulativa e técnica, e que foi muito fecunda literariamente: além dos dois monumentos que são Hipócrates e Galeno, ela produziu, em todos os domínios do pensamento e da prática médica, um florescimento de obras que representam ainda hoje, malgrado o desaparecimento de

numerosas delas e, em particular, da quase totalidade da literatura médica alexandrina, uma parte não negligenciável da herança antiga.

Não houve nada de similar em Roma? Só podemos falar de medicina romana, aparentemente, para os primeiros séculos de Roma, aqueles “seiscentos anos nos quais Roma vivera sem médicos, mas não sem medicina” (Plínio, *Naturalis Historia*, 29, 11), segundo a fórmula de Plínio, que caracteriza assim, na história médica de Roma, a época anterior à chegada, na Itália, dos médicos gregos nos séculos III e II a.C. O tratado *Sobre a agricultura*, de Catão, que consagra, entre os conhecimentos que ele julga necessários ao proprietário-explorador de um domínio agrícola, certo número de capítulos à medicina – diríamos, acima de tudo, em termos modernos, à automedicação –, nos informa sobre práticas autóctones e itálicas, dentre as quais, notadamente, a famosa medicina da couve, *medicina brassicae*. Trata-se de uma medicina primitiva e popular, o que não significa necessariamente ineficaz; exclusivamente empírica, se entendermos por isso certo número de receitas baseadas em uma experiência tosca, que não se inscreve em qualquer tentativa de construção de um sistema etiológico e patológico racional. Os remédios consistiam essencialmente dos produtos comuns da fazenda, legumes diversos, vinho, mel, ervas aromáticas, cuja eficácia terapêutica repousa sobre as preparações complicadas das quais são objeto. Não menos que doze ingredientes entram na composição de um remédio “para desembaraçar o ventre” (Catão, *De Agricultura*, 158), ingredientes que deveriam ser misturados em proporções precisas e preparados segundo regras escrupulosamente seguidas. A preparação e a administração desses remédios aparentam-se, ademais, a um ritual no qual o componente mágico está fortemente presente, como testemunha a importância atribuída aos números (por exemplo, cozinhá-los três vezes; após absorção do remédio, pular dez vezes ou caminhar quatro horas) e às imprecizações, das quais a recitação deve preceder ou acompanhar certos gestos médicos e a administração de alguns medicamentos, a fim de assegurar ou aumentar-lhes a eficácia.

É difícil dizer o que essa medicina se tornaria se sua história prosseguisse de modo autônomo. Somente ela, em todo caso, pode ser qualificada de medicina autenticamente romana. Mas ela será submersa e arrebatada pela onda grega que, nos séculos III e II a.C., transformaria profundamente a paisagem intelectual de Roma. A conquista espiritual de Roma pela Grécia, do vencedor militar pelo vencido, foi uma verdadeira revolução cultural. As consequências foram imensas. Com ela nascia uma mestiçagem cultural que,¹ fundando a educação sobre o bilinguismo, acrescia às tradições morais e intelectuais próprias em Roma os valores prestigiosos de uma civilização que, em todos os domínios

¹ Sobre o problema da mestiçagem, ver Mudry (2006, p. 505-516).

do espírito, havia já então produzido a maioria de suas obras primas. Mas se o enxerto iria ser extraordinariamente fecundo no campo literário, em que a assimilação dos modelos gregos pelo gênio romano originou uma literatura autônoma e original, o mesmo não aconteceu com a medicina.

Levada para Roma, àquela altura a nova capital do mundo, por um número crescente de médicos gregos, acolhida com entusiasmo e deferência por uma sociedade romana admiradora e – pois havia também charlatões – talvez mistificada, esta nova medicina eclipsa rapidamente a antiga medicina indígena. No lugar das receitas tradicionais e empíricas, dos sortilégios e fórmulas mágicas, ela propunha uma explicação natural da doença, inscrevendo-a em uma interpretação global do homem e do mundo. Ela oferecia terapêuticas fundadas sobre a pesquisa das causas da enfermidade e empregava um tesouro de conhecimentos diversos, anatômicos, fisiológicos, patológicos, dietéticos, farmacêuticos e cirúrgicos, que uma longa tradição havia acumulado. Dispunha, enfim, de uma importante literatura específica sobre a qual poderia se apoiar. Acrescentava-se a tudo isso, entre seus representantes, a sedução de uma retórica que devia frequentemente deslumbrar, a julgar pelo descontentamento de Plínio (*Nat. Hist.*, 29, 5), que, em seu ataque contra os médicos gregos, enxerga neles, antes de tudo, mestres em verborragia.

Contrariamente ao que se produziu no domínio literário, em que a tradição indígena e a tradição grega são unidas e acumuladas, não houve assimilação entre a antiga tradição médica itálica e a medicina grega. E isso não é surpreendente. Que convergência poderia haver entre dois mundos tão profundamente diferentes, entre uma medicina baseada na experiência racional especulativa e práticas populares que mergulhavam suas raízes na experiência bruta e crenças mágicas? A irrupção em Roma e a rápida extensão desta nova medicina, conduzida pelo prestígio intelectual de uma civilização que Roma descobria, varreu as antigas práticas, que sobreviveram, nos parece, somente no campo, como testemunham algumas breves alusões de Celso (ver *infra*). Excetuando-se a *História Natural*, de Plínio, que nos conservou um número impressionante dessas receitas populares destinadas ao combate de todo tipo de males – embora a *História Natural* fosse um tipo de museu de crenças e de tradições, e não um tratado de medicina –, essas práticas médicas autóctones e primitivas reaparecerão somente nos tratados médicos tardios, como no *Sobre os medicamentos*, de Marcelo Empírico, no século V. Seu afloramento será então associado à ascensão do irracional, que caracterizará os últimos séculos do Império e afetarà a medicina, como as outras disciplinas científicas herdadas dos gregos.

Então, a partir do século II a.C., a medicina em Roma foi grega na língua, doutrinas e práticas; exercida por praticantes gregos e ilustrada por obras que continuaram a ser escritas em grego, mesmo quando redigidas em Roma. Asclepiades, Temisão, Téssalo,

Arquígenes, Areteu, Sorano e Galeno estão entre os exemplos mais brilhantes desses médicos gregos, autores de obras consideráveis, que fizeram toda ou parte de suas carreiras em Roma. A chegada da serpente sagrada de Asclépio na Cidade Eterna, que os romanos foram buscar em Epidauro para pôr fim a uma epidemia que devastava a cidade nos primeiros anos do século III a.C., e seu desembarque na ilha Tiberina,² onde um templo foi erigido em sua honra, ilustram bem, num registro lendário, as origens da nova medicina em Roma e o acolhimento que lhe foi reservada.³

Houve resistências a essa medicina grega, como houve, de modo geral, a todas as novidades culturais que a Grécia trazia para Roma, ou, sobretudo, que a própria Roma fora buscar na Grécia, como demonstra precisamente a lenda de Asclépio. Tais resistências, das quais os testemunhos não são pouco numerosos, encarnam-se na personagem de Catão, do qual os romanos fizeram a figura emblemática da tradição e das virtudes nacionais, que ameaçava a conquista intelectual de Roma pela Grécia. Mas, a par desses testemunhos, a partir de julgamentos duros e hostis a respeito dos gregos, que Catão, como testemunha Plínio (*Nat. Hist.*, 29, 14), dirige a seu filho para que ele rejeite as seduções do novo espírito, e sobre os quais deve-se descontar a parte da retórica; é interessante constatar que o mesmo Catão estava já invadido pela cultura desses gregos aparentemente odiados, dos quais ele aprendera a língua. É assim que, no domínio da medicina, ele mescla, às receitas populares e empíricas descritas em seu tratado *Sobre a agricultura*, alguns traços que nos surpreendem por partirem de sua pena. São alusões às teorias médicas gregas, das quais não se deve deduzir que Catão fosse, necessariamente, um conhecedor bem informado, mas que, em todo caso, significam que essa medicina era já bem familiar, para que algumas dessas doutrinas tivessem “contaminado” sua visão da medicina indígena. Pensamos especialmente no capítulo consagrado às virtudes da couve, na menção acerca do seco e do úmido, do doce e do amargo, que evoca a doutrina das qualidades contrárias (*De Agr.*, 157, 1), originadas nos primeiros filósofos da natureza; na presença da bile, da bile negra e da pituita, que é certamente um eco da doutrina grega dos quatro humores fundamentais (*De Agr.*, 156, 4; 157, 7); ou, ainda, a alusão, um pouco confusa, é verdade, ao sopro conduzido nos vasos juntamente com o sangue, doutrina que encontramos exposta na *Coleção Hipocrática*.⁴

² Sobre a ilha Tiberina como centro médico e de culto a Asclépio em Roma, ver, em particular, Roesch (1982, p. 171-179).

³ Por exemplo, o historiador Valério Máximo (*Facta et dicta memorabilia*, 1, 8, 2).

⁴ *De Agricultura* 157, 7: “[...] quando todas as veias estão cheias de alimento, elas não podem mais carregar o ar por meio do corpo”. Sobre a presença das doutrinas médicas gregas em Catão, ver Mudry (2004, p. 25-45). Hipócrates, *De alimento* 31 (LITTRÉ 9, 110).

Pode, portanto, parecer paradoxal que, malgrado esta medicina grega soberana e onipresente, tivesse existido em Roma uma literatura médica latina não negligenciável, em quantidade e qualidade. Deixaremos de lado o difícil problema que representa o tipo de público aos quais essas obras escritas em latim se endereçariam; público que não poderia ser constituído por médicos, pois eles eram gregos em sua imensa maioria, pelo menos no fim da República e nos primeiros séculos do Império, e sempre ignoraram as obras médicas latinas. Tampouco abordaremos a questão muito controversa de saber se esses autores de obras médicas latinas eram médicos ou não: essa questão nos parece ter sido regularmente mal colocada, na medida em que a Antiguidade, pelo menos até os últimos séculos do Império, jamais estabeleceu norma oficial, diploma ou coisa semelhante que sancionasse o título de médico. A única questão é saber se esses autores dispunham de conhecimentos médicos sólidos que lhes permitissem uma abordagem competente e crítica das matérias que abordavam em latim. Em se tratando de autores da época clássica, como Celso e Escrivônio Largo, ou de alguns séculos mais tarde, como Célio Aureliano, a resposta a essa questão é manifestadamente positiva, e esta constatação basta a nosso propósito de examinar em que medida essa literatura médica latina comporta traços originais que poderiam justificar o que chamamos de medicina romana.

Isso porque as doutrinas que esses tratados expõem, qualquer que seja o tipo, etiológicas, anatômicas, patológicas ou terapêuticas, têm seus modelos e suas fontes, declaradas ou implícitas, na literatura médica grega. Verifica-se isto toda vez que a obra médica grega em que se inspira o autor latino nos é conhecida. Isso vale para as duas grandes obras que são o tratado *Sobre a medicina*, de Celso, e *As doenças agudas e As doenças crônicas*, de Célio Aureliano – mesmo se o desaparecimento da obra de Sorano, que é a única fonte deste último, impossibilite distinguir de modo decisivo entre um Célio adaptador e um Célio simples tradutor –, e isso vale também para obras mais restritas em sua dimensão e ambição científica, como aquelas que encontramos particularmente nos séculos IV e V d.C.

Desejamos, todavia, nos limitar, em nossa pesquisa acerca de uma eventual originalidade da obra latina, ao tratado de Celso, já que, com Hipócrates e Galeno, ela constitui um dos três maiores conjuntos de obras médicas da Antiguidade e que, por seu prefácio histórico e metodológico e suas três grandes divisões, que são a dietética, a farmacêutica e a cirurgia, oferece uma notável síntese das doutrinas e das práticas médicas da Antiguidade. A análise não é senão parcial. Para alcançar conclusões significativas para

o conjunto da medicina antiga de expressão latina, ela deverá ser ampliada para as outras obras médicas latinas, entendido que, não mais que o *Sobre a medicina*, de Celso, essas obras não nos parecem revelar, do ponto de vista das doutrinas nelas presentes, e na medida em que a verificação é possível, uma originalidade de fundo em relação a suas fontes gregas.

A questão referente a Celso é a seguinte: pode-se encontrar no tratado *Sobre a medicina*, excetuando-se evidentemente os problemas de estilo e língua, alguma característica, algum sinal ou simplesmente alguma inflexão, relativos a um ponto de doutrina ou a uma prática terapêutica, que poderíamos afirmar como trazendo a marca de Roma?

Mesmo se a medicina romana primitiva, tal como a conhecemos por meio de Catão e tal como a reencontraremos mais tarde na *História Natural*, de Plínio, não tenha lugar na obra de Celso, na qual o horizonte doutrinário é grego e à parte das tradições médicas autóctones, em dois momentos, ao menos, Celso se refere a práticas populares das quais diz expressamente que não são aquelas dos médicos, desejando dizer com isso que elas não pertencem ao domínio da ciência racional. Em outros termos, seriam estranhas à medicina grega.

O primeiro caso diz respeito ao *morbis pleuriticus* (Celso, *De Medicina*, 4, 13, 1-3), a “pleuritis” dos gregos, enfermidade que não traduziremos por pleurisia, mas, seguindo a observação de Grmek (1983, p. 30), pela designação voluntariamente imprecisa de “mal das costas”: isso porque termos como *pleuritis*, *apoplexia* ou *phthisis*, para tomar somente esses exemplos, eram empregados pelos antigos médicos gregos em uma acepção que não recobre senão parcialmente o sentido moderno e que, em certos aspectos, distingue-se profundamente. Após ter enumerado certo número de medicamentos que os médicos recomendavam em casos parecidos, tais como sangrias, ventosas com escarificação, cataplasmas ou fricções das extremidades com óleo ou enxofre, Celso conclui a listagem dessas medidas terapêuticas com uma declaração, pelo menos, surpreendente no contexto de sua obra: “Tais são as prescrições dos médicos. No entanto, nossos camponeses (*rusticos nostros*), que não recorrem a esses remédios, se tratam de modo satisfatório ao beberem uma infusão de *trixago*” (Cels., *De med.*, 5, 13, 3).⁵

Mais impressionante ainda é a observação de Celso que segue sua exposição dedicada aos tumores escrofulosos. Após ter assinalado a localização ordinária do mal (nuca,

⁵ *Quae ita a medicis praecipuntur, ut tamen sine his rusticos nostros epota ex aqua herba trixago satis adiuuet.* [Manteremos o termo original latino, uma vez que os nomes das plantas variam dependendo da nacionalidade dos autores. Na edição inglesa Loeb, encontram-se boas informações, especificamente nas páginas xv – lviii, acerca dos *medicamenta* citados por Celso ao longo dos livros V e VI. Nela, a planta *trixago* é indicada como sendo a *Teucrium Polium*, da família das *Lamiaceae*, uma planta arbustiva típica do Mediterrâneo. N. T.]

axilas, virilha, seios), indicado as principais terapêuticas, cirúrgicas ou medicamentosas (heléboro, remédios cáusticos), e insistido sobre o embaraço dos médicos diante de um mal recorrente, Celso assim conclui: "Tais são as prescrições dos médicos. Mas alguns camponeses sabem pela experiência que se se livra das escrófulas que nos atormentam comendo uma serpente" (Cels., *De med.*, 5, 28, 7 A-B).

Como interpretar o fato de que Celso aponta assim, ao fim de sua exposição sobre a pleurite aescrófula, de maneira quase acidental, remédios que ele designa expressamente como estranhos à tradição médica, ou seja, à medicina grega científica e racional que governa todo seu tratado? O problema não reside, evidentemente, no estudo comparado das virtudes terapêuticas do *trixago* ou da serpente com aquelas curas propostas pelos médicos. Pode-se pensar, com efeito, que, em relação à medicina atual, a eficácia de um ou outro deveria ser quase equivalente. Por outro lado, o que deve reter a atenção é a referência, mesmo fugidia, a uma tradição externa à medicina grega, que existe no meio rural e da qual se reconhece o tipo de medicina exposto por Catão em seu tratado *Sobre a agricultura*, do qual as características distintivas são de um empirismo grosseiro, não refletido, mistura de um forte componente mágico e de valorização terapêutica irracional de certos animais ou substâncias. É absolutamente sintomático que o próprio Celso, que outrora submete regularmente, a um exame crítico, as diversas curas propostas pelos médicos gregos desde Hipócrates até, mais próximo dele, Asclepiades e Temisão, mencione sem a mínima reserva, mas ao contrário, em lhes apresentando como fatos fundados na experiência – aquela dos camponeses e não dos médicos, e Celso insiste sobre este ponto ao tomar muito cuidado em distinguir essa tradição campesina da ciência dos médicos –, um remédio tão impressionante como a ingestão de uma serpente contra os tumores escrofulosos. O *trixago* é, desse ponto de vista, muito banal, pois parece ter sido um remédio muito em voga na tradição popular;⁶ os médicos recorrem a ela também contra certas enfermidades.⁷ Mas o que importa nesse caso, independentemente do valor terapêutico da serpente ou do *trixago*, é que esses dois medicamentos derivam de outra tradição, diríamos, de bom grado, de outra medicina além daquela que Celso expõe em seu tratado. Trata-se de duas passagens isoladas, mas para as quais Celso parece dizer a seu leitor que, ao lado da medicina grega, que parecia ter se tornado a medicina das cidades e das classes sociais elevadas, a antiga medicina autóctone ainda persiste no campo,

⁶ A *História Natural* (24, 130), de Plínio, que é um tipo de museu de tradições e de crenças populares, como dissemos acima, atribui ao *trixago* uma multidão de virtudes medicinais que fazem dela uma verdadeira panaceia: entre as suas inumeráveis qualidades, cita precisamente sua eficácia contra dores na região das costelas.

⁷ O *trixago*, em latim (*chamaedrys*, em grego), é citado por Dioscórides (*De Materia Medica*, 3, 98) e aparece em outras duas passagens em Celso, indicado pelos médicos contra mordidas de serpentes (*De med.*, 5, 27, 10) e como sedativo ao evitar, em caso de fraturas de costelas, os dolorosos acessos de tosse (*De med.*, 8, 9, 1E).

que pode constituir um recurso e, talvez, – acreditando-se na experiência ancestral dos camponeses –, trazer alívio e mesmo a cura nos casos em que as prescrições dos médicos tivessem fracassado. Não se poderia ver nisso uma contaminação, mesmo disfarçada, da medicina grega em Roma pela tradição autóctone, pois essas duas medicinas são de natureza tão contrária que elas não poderiam se misturar – e Celso marca claramente a diferença –, mas antes, a nosso ver, como que uma permanência, na consciência de Celso, e dos romanos, assaz cativados pela ciência nova advinda da Grécia, de uma lembrança nostálgica de uma cultura itálica talvez vulgar e distante, mas que tinha a qualidade de estar “entre nós” (sobre a ênfase posta por Celso sobre o possessivo *nostros*, quando fala dos camponeses *rusticos nostros*, ver nota 5).

Essa atitude de Celso diante da medicina romana de outrora, cujas manifestações são, repetimos, raras e fugidias,⁸ soma-se também a uma afirmação do prefácio de sua obra. Já tratamos disso anteriormente, de modo que seremos breves aqui.⁹

Ocupado em refutar as teses da escola metódica, Celso, após insistir, com exemplos a lhe apoiar, sobre a necessidade terapêutica da individualização do enfermo, termina sua demonstração com uma frase que aparece como conclusão: “É por isso que, igualmente para a ciência, o médico é mais eficaz se ele é um amigo do que um estranho” (Cels. *Praef.*, 73).¹⁰

Tal julgamento é, pelo nosso conhecimento, único na medicina antiga. Pode-se, em todo caso, assimilá-lo à famosa “filantropia hipocrática”, expressa no tratado dos *Preceitos*, com sua célebre fórmula: “Onde está o amor dos homens está também o amor da arte”, que se tornou, através dos séculos, o emblema de certa concepção de medicina, tomada como um verdadeiro ministério de amor e compaixão voltado como prioridade, como diz o autor hipocrático, para o pobre e o estranho.¹¹ Trata-se, aqui, de outra coisa que o amor

⁸ Seria interessante, neste ponto de vista, examinar se Celso, sem o dizer expressamente, como nos dois casos que nos ocupamos aqui, acolhe, em seu tratado, elementos estranhos a suas fontes gregas, empregados precisamente nessas antigas receitas populares da Itália. Trata-se de uma investigação difícil, mas que se mostra possível a partir de novos instrumentos, como o precioso *Index de la pharmacopée du 1er au 10e siècle*, de Carmélia, e o *Thesaurus Linguae Graecae* da Universidade da Califórnia (Irvine), que permite consultas, pelo computador, de todo o conjunto da literatura grega.

⁹ Ver Mudry (1980, p. 17-20; 1982, p. 169-170).

¹⁰ *Ideoque, cum par scientia sit, utiliore tamem medicum esse amicum quam extraneum.*

¹¹ Parece-nos útil citar aqui essa passagem dos *Preceitos* (9, 259) para precisar, como sustentamos em Mudry (1986, p. 3-8), que esse tratado é provavelmente tardio, que essa concepção humanitária do *métier* do médico é alheia aos tratados comumente reconhecidos como hipocráticos autênticos, e que ela se inspira em ideias morais estoicas: “Eu recomendo não levar muito longe a rudeza, e considerar a fortuna e os recursos; mesmo às vezes oferecerá cuidados gratuitos [...]. Se há oportunidade de socorrer um estrangeiro e pobre, é o caso de intervir; pois, onde está o amor pelos homens está também o amor pela arte”.

que o médico deve nutrir pela humanidade em geral, e particularmente pela humanidade sofredora. Trata-se da clara afirmação que, no plano exclusivamente profissional da atividade médica, uma relação pessoal de amizade entre o médico e seu paciente é a garantia de uma maior eficácia terapêutica. A individualização objetiva e científica do enfermo, que se obtém pela anamnese e que é uma constante da medicina grega desde Hipócrates – ela não foi contestada senão pelos médicos da escola metódica, e é uma das razões essenciais da oposição veemente de Celso a essa escola –, se encontra assim prolongada em Celso em uma individualização subjetiva que adiciona um conhecimento de natureza diferente à ciência do praticante, um conhecimento que só pode conceder esse tipo de sensibilidade profunda diante do outro, que nasce das relações de familiaridade e de amizade.

Parece-nos então que essa afirmação, da qual não conhecemos outros exemplos nos tratados médicos antigos que sobreviveram, reflete, como aquelas alusões à medicina romana de outrora que tratamos acima, senão uma vontade de Celso em reencontrar um pouco desta tradição médica autóctone, ao menos um lamento e nostalgia pelo tipo de relação que existia entre o médico e o doente antes da chegada da medicina grega. Na economia rural de então, os cuidados eram prodigalizados ao conjunto da casa pelo seu senhor, o *paterfamilias*, e é por essa razão que as instruções médicas figuram no manual de economia rural que constitui o tratado *Sobre a agricultura*, de Catão. À época de Celso, em uma sociedade que se tornara essencialmente urbana, essa concepção familiar da prática médica não era, evidentemente, mais concebível. Mas postular elos de amizade entre o médico e o paciente como condição de uma medicina mais eficaz poderia ser uma maneira de orientar em direção a esse passado nacional, que se transformou em uma referência quase mítica, essa nova medicina vinda da Grécia, de cuja elaboração Roma não teria feito parte.

As duas menções que Celso faz à medicina popular tal como existia ainda nas áreas rurais da Itália e, pelo intermédio da figura do *medicus amicus*, a ligação sentimental que manifesta diante da medicina romana de outrora são marcas, ligeiras e raras, de uma impressão romana no *Sobre a Medicina*. Desejaríamos acrescentar, como ponto de partida de uma investigação mais vasta que deveria examinar sistematicamente cada uma das três partes do tratado (dietética, farmacêutica e cirurgia), algumas particularidades esparsas no primeiro livro, consagrado à higiene ou dietética para os indivíduos saudáveis, que indicam também que, pontualmente, elementos romanos podem intervir na reelaboração da matéria grega sobre a qual Celso trabalha, transformando-a ou adicionando-lhe alguns traços novos e originais.

A dietética grega divide os indivíduos saudáveis em duas categorias: de um lado, aqueles que podem empregar todos seus cuidados à saúde, já que “possuem os meios

e reconhecem que as riquezas não têm qualquer utilidade sem a saúde (Hipócrates, *De alimento*, 3, 69, 1)¹² e, por outro lado, a grande massa daqueles que não podem negligenciar todo o resto para se ocupar de sua saúde, que “comem e bebem aleatoriamente, são obrigados a trabalhar e se deslocar, navegando para obter seus víveres, expostos ao sol e ao frio, contra toda a razão (Hip., *De al.*, 3, 68, 1)”.¹³ Retomando o modelo de uma bipartição dos indivíduos em boa saúde, em vista de um regime diferenciado, Celso modifica, todavia, os termos. Ele distingue, de um lado, os indivíduos robustos e que são igualmente livres com relação ao tempo, para os quais a única prescrição consiste em um modo de vida variado, alternando permanências ora na cidade, ora no campo, exercícios e repouso, navegação e caça, segundo a ideia de que a atividade fortalece o corpo enquanto que a inação o enfraquece (Cels., *De med.*, 1, 1, 1). Por outro lado, os sujeitos que, embora saudáveis, são mais frágeis e, portanto, uma série de prescrições se revelam necessárias, caso almejem se manter em boa saúde.¹⁴ É nessa segunda categoria que Celso situa expressamente “a grande parte dos cidadãos e quase todos os intelectuais (Cels., *De med.*, 1, 2, 1)”,¹⁵ tomando em consideração, assim, um fato novo em relação à dietética grega: a urbanização da sociedade romana e seu corolário, que é uma degradação da saúde. Que entrasse nessa apreciação de Celso um pouco do *topos* literário caro a Salústio, por exemplo, acerca da exaltação da vida dos ancestrais, que se desenvolvia nos campos e engendrava homens fortes, moral e fisicamente, não pode senão confirmar o fato de que a dietética grega é aqui adaptada às condições novas da realidade social em Roma.

Poderíamos citar ainda outros elementos do primeiro livro que testemunham essa característica romana. Assim, os jogos do circo, que se tornaram um verdadeiro evento social em Roma, fazem com Celso sua entrada na dietética. Prescrições particulares, com efeito, são destinadas àqueles que passam o dia nos espetáculos do circo. Caminhada mais lenta, banho prolongado, repasto frugal visando, pela ênfase na calma, no repouso e na moderação, contrabalançar a excitação do dia a dia. Prescrições que também valem, pontua Celso, para quem passou todo seu dia na liteira (Cels., *De med.*, 1, 3, 12).¹⁶ Pode-se constatar ainda nessa dietética, e esse será nosso último exemplo, a referência a uma prática, parece

¹² *Belles Lettres*, 1967. Ed. R. Joly; Littré, 6, 605.

¹³ Littré 6, 595. Essa mesma bipartição é reencontrada no tratado *Sobre o regime saudável*, de Diocles de Caristo (séc. IV a. C.), cujo fragmento nos foi conservado por Oríbásio (WELLMANN, 1901, frg. 141).

¹⁴ Em uma comunicação apresentada na Universidade de Macerata, em 1984, e consagrada precisamente ao livro I do *Sobre a Medicina* (MUDRY, 1985), considerávamos que essa bipartição distinguia os indivíduos em boa saúde de um lado, e aqueles de saúde frágil, de outro; o que não é completamente exato. É, sobretudo, o conjunto dos indivíduos em boa saúde (*sani*), aos quais é dedicado esse primeiro livro do tratado celsiano, que se divide em duas subcategorias, aqueles que são robustos (*firmi*) e aqueles que são mais delicados (*imbecilli*).

¹⁵ No original: “Magna pars urbanorum omnesque paene cupidi litterarum”.

¹⁶ No original: “Qui uero toto die uel in uehiculo uel in spectaculis sedit”.

que desconhecida da Grécia e que será difundida na sociedade romana, do vômito “pelo prazer” (*luxuriae causa*) (Cels., *De med.*, 1, 3, 21). Celso condena energicamente essa prática cotidiana, diz ele, daqueles “que se esforçam assim em favorecer sua gulodice (Cels., *De med.*, 3, 17)” e reserva o uso do vômito exclusivamente ao âmbito médico.¹⁷

Tais são certamente somente pinceladas que não modificam sensivelmente as doutrinas médicas sobre as quais se aplicam: essas doutrinas são e continuam essencialmente gregas. Tampouco indicam – tendo em vista o caráter ainda parcial de nossa investigação – que as doutrinas médicas gregas não são simplesmente retomadas, tal como no tratado de Celso, mas que, aqui e ali, aparecem marcas de certa reelaboração crítica da matéria em função da realidade romana. É assim que, em uma comunicação, lançamos a hipótese de que a distribuição aparentemente original das doenças em função das estações do ano, no capítulo que Celso dedica a esse assunto, poderia encontrar explicação em uma recomposição da matéria em virtude de uma paisagem nosológica que, por razões diversas, climáticas, geográficas ou sociológicas, não era mais aquela dos *Aforismos*, de Hipócrates (MUDRY, 1991, p. 257-269).

Após essas reflexões esparsas sobre a recepção da medicina grega em Roma, que uma investigação mais ampla de Celso e Célio Aureliano, em particular, permitirá melhor definir os contornos, desejaríamos, à guisa de conclusão, pôr em evidência o que nos parece neste domínio, porém num plano diferente, uma contribuição marcante de Roma.

Não se trata nem de uma doutrina patológica nem de procedimento terapêutico, mas de uma reflexão sobre a medicina e o médico que se insere na atitude geral dos romanos diante da ciência grega. Pois, contrariamente a um preconceito já difundido e que ainda perdura, Roma não se limitou a acolher tal ciência em suas diversas manifestações e a assimilá-la, o que já não seria um mérito pequeno. Mas Roma igualmente questionou acerca dessas disciplinas advindas da Grécia e que lhe abririam novos caminhos para a compreensão do mundo, mesmo se, por razões diversas, mas que não estavam ligadas a um pretense espírito utilitário romano que fosse fechado à especulação, o apogeu do poderio romano coincidissem com certo declínio da vivacidade científica criadora no mundo antigo (MUDRY, 1986, p. 75-86).

¹⁷ No original: “Qui cotidie eiciendo uorandi facultatem moliuntur”. O vômito, provocado como meio terapêutico, é uma prescrição corrente da medicina grega. Somente, em nosso conhecimento, Diocles de Caristo (MÜRI, 1962), que cita, na p. 406, um fragmento do tratado de Diocles *Sobre o regime saudável*, conservado por Oribásio, e Asclepiades (citado acerca disso por Celso, em *De med.*, 1, 3, 17) haviam banido totalmente essa prática.

Tanto que, no prefácio de sua obra, dedicada em expor a disputa metodológica entre dogmáticos e empíricos, Celso reflete acerca do que deve consistir a formação do médico. Ele situa essa formação essencialmente na experiência, no sentido que a Escola Empírica emprega esse termo, ou seja, a experiência pessoal se junta àquela que a arte médica acumulara no decorrer dos séculos e que é transmitida pelos ensinamentos orais e escritos dos mestres. Mas ela não deve excluir, da mesma forma, “o estudo da natureza” (*contemplativo rerum naturae*), que, pelo exercício da razão especulativa sobre os objetos que escapam à apreensão do sentido, se esforça em encontrar respostas às questões que o homem se propõe acerca do funcionamento de seu corpo e sobre o mundo que o rodeia. Celso reivindica a presença da especulação para o médico, não porque ela interessa diretamente ao exercício da medicina, mas porque, tal como outros numerosos conhecimentos que não estão em relação direta com a arte que se professa, ela favorece a prática ao estimular o espírito:

Assim, se o estudo da natureza não faz o médico, ele lhe permite, todavia, mais aptidão à medicina. Hipócrates, Erasístrato e todos aqueles que não se limitaram a cuidar de febres e feridas, mas que, de um modo ou de outro, se dedicaram ao estudo da natureza, não se tornaram certamente médicos por causa disso, mas se tornaram médicos bem maiores (Cels., *Praef.*, 47).¹⁸

A ideia de que certas disciplinas do saber podiam, em alguma medida, servir de auxiliares na aquisição de uma arte que favorecesse o desenvolvimento das capacidades intelectuais, não é exclusiva nem de Celso nem de Roma. Platão já considerava que o maior mérito das matemáticas ensinadas na escola é “de despertar o aluno entorpecido, ignorante da natureza, e de lhe fazer instruído, capaz de memorizar e sagaz de espírito” (LASSERRE, 1983, p. 176-177). Em Roma, se poderia, nesse sentido, citar Cícero, que considera que certas ciências especulativas, como aquela que estuda os fenômenos celestes, serviam para refinar e, de algum modo, estimular o espírito das crianças (*De republica* 1, 30), ou, ainda, Quintiliano, que vê na geometria uma excelente ginástica do intelecto, ao aumentar-lhe a agudeza e a capacidade de aprendizado (*Institutio Oratoria* 1, 10, 34). Mas acontece de a originalidade de Celso consistir em fazer dessa disciplina auxiliar, que não intervêm diretamente na prática médica, a garantia da qualidade superior do médico que a domina. Existe verdadeiramente nessa visão de Celso uma aplicação do

¹⁸ No original: “Quamquam igitur multa sint ad ipsas artes proprie non pertinentia, tamen eas adiuuant excitando artificis ingenium: itaque ista quoque naturae rerum contemplatio quamuis non faciat medicum, aptiorem tamen medicinae reddit perfectumque... Hippocratem et Erasistratum, et quicumque alii non contenti febres et ulcera agitare rerum quoque naturam aliqua parte scrutati sunt, non ideo quidem medicos fuisse, uerum ideo quoque maiores medicos extitisse”.

modelo ciceroniano da educação do orador. Fundado sobre uma vasta cultura geral, ele já havia sido aplicado, antes de Celso, à arquitetura por Vitruvius (*De architectura* 1, 1, 3), quando reivindica do arquiteto toda uma série de conhecimentos aparentemente tão estranhos à sua arte quanto a medicina, a filosofia ou o direito.

Pode-se pensar que essa concepção da formação médica contribuiu, a partir do Renascimento e da redescoberta de Celso, cuja obra conheceu desde então uma grande fama, para forjar, na tradição ocidental, a figura do médico cultivado e humanista, frequentemente erudito, cujo saber múltiplo era considerado, tanto pelo público quanto pela autoridade acadêmica, como uma garantia de competência médica e ainda um ornamento do espírito.

Referências

Documentação textual

CATO. *De re rustica*. Translated by W. D. Hooper and H. B. Ash. London: Loeb Classic Library, 1967.

CELSUS. *On medicine*. Translated by W. G. Spencer. London: Loeb Classical Library, 1938.

CICERO. *De re publica*. Translated by E. G. Zetzel. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

DIOSCORIDES. *De materia medica*. Translated by T. A. Osbaldeston. Johannesburg: IBIDIS Press, 2000.

HIPOCRATES. *Oeuvres complètes d'Hippocrate*. Traduit par E. Lettré. Paris: Baillière, 1839.

PLINY THE ELDER. *Natural history*. Translated and introduction by Jonh F. Healy. London: Penguin Books, 2004.

QUINTILIEN. *Institution oratoire*. Texte établi et traduit par Jean Cousin. Paris: Les Belles Lettres, 1980.

VALERIUS MAXIMUS. *Factorvm et dictorum memorabilivm*. Translated by Karl Friedrich Kempf. Leipzig: Teubner, 1888.

VITRUVIUS. *On architecture*. Translated by F. Granger. London: Loeb Classical Library, 1998.

Obras de apoio

GRMEK, M. *Les maladies à l'aube de la Civilisation Occidentale*. Paris: Payot, 1983.

LASSERRE, F. Le barbare, le grec et la science selon Philippe d'Oponthe. *Museum Helveticum*, n. 40, p. 176-7, 1983.

MUDRY, P. *Medicus amicus. Gesnerus*, n. 37, p. 17-20, 1980.

_____. La Préface du *De medicina*. In: CELSO. *De medicina*. Rome: Bibliotheca Helvetica Romana, 1982, p. 169-170.

_____. Le 1er livre de la Médecine de Celse: tradition et nouveauté, In: MAZZINI, F.; FUSCO, F. (Éd.). *I testidi medicina latini antichi: Problemi filologici e storici*. Macerata: Università di Macerata, 1985, p. 143-150.

_____. La déontologie médicale dans l'Antiquité grecque et romaine. *Revue médicale de la Suisse romande*, n. 106, p. 3-8, 1986.

_____. Science et conscience. Réflexions sur le discours scientifique à Rome. *Sciences et techniques à Rome*, n. 1, p. 75-86, 1986.

_____. Saisons et maladies. In: SABBAH, G. (Ed.). *Le latin medical, la constitution d'un langage scientifique*. Saint-Étienne: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 1991, p. 257-269.

_____. Le chou de Pythagore: présence des modèles grecs dans le *De agricultura* de Caton. In: MUDRY, P.; THÉVENAZ (Ed.). *Nova studia latina lausannensia: de Rome à nos jours*. Rome: Études de Lettres, 2004, p. 25-45.

_____. Métissage culturel et identité nationale: l'exemple de Rome. In: MAIRE, B. (Org.). *Medicina e soror philosophiae*. Lausanne: Éditions BHMS, 2006, p. 505-516.

MÜRI, W. *Der Arztim Altertum*. Munich, 1962.

OPSOMER, C. *Index de la pharmacopée du 1er au 10e siècle*. Hildesheim: Olms Alpha-OmegaReihe, 1989.

ROESCH, P. Le culte d'Asclépios à Rome. In: SABBAH, G. (Ed.). *Médecins et médecine dans l'Antiquité*. Saint-Étienne: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 1982, p. 171-179.

WELLMANN, M. *Die Fragmente der sikelischen Ärzte Akron, Philistion und des Diokles von Karystos*. Berlin, 1901.